Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.02, 2025
ISSN 2178-6925

A LEITURA DOS CLÁSSICOS INFANTIS E A FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL I

THE READING OF CHILDREN'S CLASSICS AND THE FORMATION OF THE READER IN ELEMENTARY SCHOOL I

Gracy Maria da Silva Dieb
Doutora em Educação, Universidad Politécnica y Artística del Paraguay, Paraguay
E-mail: gracydieb1@gmail.com

Marcel Pereira Pordeus
Doutorando em Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
E-mail: marcel.pordeus@aluno.uece.br

Resumo

O presente artigo se trata de um recorte da minha tese de doutorado em Educação. Desse fato, esta pesquisa pretende estudar acerca da importância da contação de histórias e da presença dos clássicos da literatura, na formação de leitores, nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Portanto, por questão central, indagamos: qual a importância das contações de histórias para o desenvolvimento educacional, cognitivo e formativo das crianças? Com efeito, propõe-se investigar a utilização dos clássicos infantis na contação de histórias, por meio de uma pesquisa quantitativa, direcionada aos alunos das séries que compõem o Ensino Fundamental I, no intuito de verificar a presença dessas leituras na vida escolar desses alunos, e os benefícios que elas trazem para a evolução de futuros leitores. Por metodologia, esta pesquisa se fundamenta nas premissas de Machado (2002) e de Calvino (2007), na tentativa de responder a grande questão feita pelos dois estudiosos; “por que ler os clássicos?” Nessa perspectiva, essa temática revela o quanto a leitura é fundamental na vida das crianças e para o futuro adulto. Investiga-se ainda a aquisição da linguagem e da escrita nos alunos que receberam esse diferencial no acesso ao conhecimento dos clássicos, assim como daqueles que não tiveram essa oportunidade.
Palavras-chave: Contação de histórias; Clássicos infantis; Formação de leitor.

Abstract

This paper is an excerpt from my doctoral thesis in Education. This research aims to study the importance of storytelling and the presence of literary classics in the training of readers in the early grades of elementary school. Therefore, the central question is: what is the importance of storytelling for children's educational, cognitive and formative development? In fact, we propose to investigate the use of children's classics in storytelling, through a quantitative survey, aimed at students in the grades that make up Elementary School I, in order to verify the presence of these readings in the school life of these students, and the benefits they bring to the evolution of future readers. Methodologically, this research is based on the premises of Machado (2002) and Calvino (2007), in an attempt to answer the great question posed by both scholars: "why read the classics?" From this perspective, this theme reveals how fundamental reading is in children's lives and for future adults. It also investigates the acquisition of language and writing in students who have received this differential access to knowledge of the classics, as well as those who have not had this opportunity.
Keywords: Storytelling; Children's classics; Reader education.

1. Introdução

Ítalo Calvino começa seu livro, *Por que ler os clássicos* (2007), com algumas propostas de definição para sua pergunta, que é a própria temática do livro. Ele defende os adultos que se encontram até o momento, sem nenhum conhecimento sobre os clássicos, com a possibilidade de se antepor ao prefixo 're' antes do verbo ler, ou seja, para Calvino, um adulto não deveria dizer, em sua idade, que está lendo um clássico, mas que está relendo, pois acredita que há um diferencial enorme quando se faz a leitura de um clássico na juventude.

Como podemos observar, Calvino nos tranquiliza ao mostrar na sequência de seu texto, a enorme quantidade de obras que mesmo vivendo muitos anos não poderíamos dar conta de lê-las. Porém, ele nos mostra a eficácia de se iniciar, no caminho das leituras, desde a mais tenra idade, e afirma ser na juventude, o momento mais propício para se começar a ler os clássicos.

No entanto, Calvino nos exorta para a qualidade de leitura que a juventude pode fazer, ou seja, ele admite que a juventude, pelo fato de sua inconstância, pode ocorrer em longas distrações, pouco conhecimento no horizonte de expectativa, quer dizer: pouca experiência de mundo, inexperiência de vida e outros fatores que poderão diminuir o valor da leitura naquele momento, mas nada

que uma possível releitura na idade adulta para complementar e preencher as lacunas deixadas anteriormente (Farias; Pordeus, 2021).

Seguindo com suas questões e respostas, Calvino constrói uma memorável introdução para o livro em destaque, propondo definições que na sequência de sua apresentação vão nos convencendo cada vez mais sobre a importância de nossa aquisição leitora desde a mais tenra idade. Antes de ele adentrar nas sínteses dos clássicos apresentados nessa edição, ele define, sem concorrente igual, o que quer dizer clássico, mas sua definição não alcança somente um significado estático do que quer representar esse substantivo, sua definição preenche tudo o que se quer dizer de um clássico, ou seja, “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Nessa perspectiva, podemos relacionar com Calvino a obra de Ana Maria Machado (2002). É uma obra mais sintética, mais leve, bem ao gosto das crianças, mas que nem por isso deixa de ser grande. Com o título, *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo,* Ana Maria Machado faz uma síntese de suas aventuras e viagens condicionadas pela leitura em sua infância, ela nos dá, através de seu exemplo de leitora e de ouvinte atenta às palavras de seu pai e à sequência das ilustrações, o maior exemplo e a confirmação de que, quanto mais cedo se começa a ler e ouvir histórias, mais a criança tem a possibilidade de se tornar um adulto com as mesmas qualidades apontadas por Calvino e por outros estudiosos que veremos na sequência.

Portanto, ao adentrarmos nas leituras dos clássicos desde cedo, tornar-nos-emos adultos com maior facilidade de identificar nossas experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada das leituras feitas anteriormente, isso porque as crianças têm lembranças nítidas e duráveis. “Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda. Talvez porque sejam carregadas de emoção” (Machado, 2002, p. 10).

Portanto, este estudo tem por objetivo investigar acerca da importância da contação de histórias e da presença dos clássicos da literatura infantil ou clássicos

adaptados, para a formação de leitores, nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Ao abordar essa temática não poderíamos deixar de destacar o mais imprescindível neste estudo, que é a aquisição da leitura, como se dá esse processo de aprendizagem nos estudantes de diferentes categorias e imersos em diversos meios sociais e culturais, dos quais podemos destacar os principais, a escola e a família (Farias; Pordeus, 2021).

Tendo como meta o tema proposto neste trabalho, ou seja, os alunos do ensino fundamental I têm contato com os clássicos infantis? A escola proporciona momentos de contação de história em que essas leituras entram na formação desse sujeito? Como tem acontecido esses momentos de contação e roda de leituras para as crianças desse nível de escolaridade?

Em consequência dessa análise, foi realizada uma investigação bibliográfica com diferentes autores, com foco na aquisição leitora, no processo cultural e social despertado pela contação de história, na psicologia emocional que desperta a imaginação da criança quando escuta uma história infantil clássica, o letramento e a alfabetização na hora certa, todos esses temas fundamentados bibliograficamente por teóricos da Educação e de áreas relacionadas (Aguiar; Pordeus, 2022).

Esta investigação tem como objetivo contribuir para uma melhor compreensão dos principais obstáculos para o ensino da leitura e a alfabetização desses alunos e para suas aprendizagens. O estudo ajuíza o processo de aprendizagem como uma modificação metódica no desempenho do indivíduo e no amoldamento de seu ajustamento no âmbito sociocultural.

Devemos observar atenciosamente que a aprendizagem não deve significar somente a aquisição de conteúdos e conhecimentos, nem se limitar ao exercício da memória. Por isso, a contação de história e as rodas de leituras ministradas no ambiente próprio, como o da biblioteca escolar, despertará no sujeito uma emoção e a imaginação pretendida para o desenvolvimento do leitor em potencial. A contação de histórias é uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e um poderoso estímulo à imaginação, ela pode ainda auxiliar no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças, como Ana Maria Machado nos indica no seu estudo, ela, a contação, destaca-se como uma importante aliada da educação

infantil.

É muito importante que educadores e gestores tenham um olhar voltado para a aquisição leitora com uma profícua preocupação, pois este estudo vislumbrou nos desdobramentos da pesquisa que a dificuldade de aprendizagem, a não alfabetização e letramento dessas crianças produzem crianças que apresentam um fracasso escolar frustrante, que carregam durante sua permanência no ensino fundamental I, e que será um peso que se refletirá futuramente na família, nos professores e em seus colegas de profissão.

Encontra-se também nas análises dos objetivos deste estudo, um desdobramento proporcional em relação ao marco teórico da alfabetização e aquisição da leitura, eixo no qual procurou-se analisar a situação social, psicológica e pedagógica dos estudantes, buscando verificar e apontar em que nível essas categorias interferem na dificuldade escolar, gerando o sintoma do *não aprender*. A prática pedagógica considera desde o processo de correção, até a importância dos vínculos positivos e o rendimento escolar do aluno.

No que se refere à aprendizagem, essa é uma função interativa, cujo corpo e a mente do sujeito se apropriam da realidade circundante de uma maneira única, levando em conta o fazer, o sentir, o pensar, a afetividade e a compreensão de como cada um de nós processará as informações.

Portanto, a temática da contação de história, a apropriação dos clássicos infantis e adaptados se abre como um leque de micro temáticas que ao adentrarmos esse estudo, decidimos explanar sucintamente os meandros e as relações que as áreas dos saberes em questão relacionam, portanto, igual ao princípio hologramático, esses saberes mostram suas diversas faces, emoção, memória, imaginação, processo de aprendizagem e suas dificuldades, psicopedagogia preventiva e o fracasso escolar; concluindo com a importância da prática docente no processo educativo.

2. A (re) contação de histórias

A contação de histórias, ou como nos adverte Calvino (2007), as re/contações de histórias, pois nenhuma história se conta apenas uma vez, assim como nenhuma história é inaudita, ou seja, surgiu do nada, ou nunca se modificou durante sua existência oralizada, é uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e um poderoso estímulo à imaginação. Parafraseando Eduardo Galeno, escritor uruguaio, cada história se materializa e se desenvolve na fala do contador, portanto, é o contador quem dá o ponto de vista dos acontecimentos dessa história. Daí a contação de histórias auxiliar no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças, pois em cada lugar que se recontar essa história, ela terá as cores do contador, e essa funcionalidade destacará primordialmente o caráter indispensável e importante da contação de história como aliada na educação infantil.

A transmissão do conhecimento oralizado é considerado uma das maneiras mais antigas de difusão de valores tidos como necessários para o estabelecimento de uma convivência harmoniosa entre os humanos. A própria existência dos mitos, como forma de responder nossas inquietações e perguntas existenciais, partem da assimilação oral das histórias que foram contadas desde o início até a consolidação das civilizações mais antigas. Assim, mais do que uma ação educativa prazerosa, a transmissão de conhecimentos, por meio da contação de histórias oralizadas, ela proporciona aos pequenos uma compreensão alargada do mundo, bem como a construção das identidades culturais via memória oral.

Contar uma história não é simplesmente transmitir um conteúdo informacional, é muito mais rica sua caracterização, e seu alcance pedagógico é inumerável. Na contação de história há modulações vocais, expressões corporais, frequência sonora, sonoplastias rítmicas orientadas pelo contador, além de uma infinidade de trocas de olhares que acolhem, assustam e divertem os espectadores. Então, diferentes modos de expressão são estimulados, o que facilita as interações e até o entendimento das próprias emoções. Tudo isso sem falar que a atividade ajuda a reinventar o espaço da sala de aula, tornando-o mais divertido e atrativo aos sentidos. Porém, é sempre recomendado que se crie um lugar apropriado em sala de aula para que a criança sinta que há outra atmosfera envolvendo aquele momento, distinto da aula propriamente dita.

Para darmos continuidade a esta investigação, é necessário estabelecermos a diferença entre ler e ouvir narrativas, o objetivo geral deste trabalho de pesquisa é mostrar os benefícios da contação de histórias, através da inserção dos clássicos infantis para a formação de leitores, e a observação investigativa será colhida nas séries iniciais do Ensino Fundamental I ou Educação Básica; estuda-se também as possibilidades de introduzi-la no ambiente escolar, assim como a atuação dos professores e a articulação do profissional da biblioteca.

2.1 Qual a diferença entre ler e ouvir histórias?

Saber ler é apreciar, selecionar, sugerir, decodificar e interpretar. Através da leitura pode-se expandir e enraizar conhecimentos sobre determinada área cultural ou científica. Ampliando seu significado, a leitura é o exercício constante, reflexivo e crítico da capacidade inerente de ouvir e entender a realidade que cerca o indivíduo. Infelizmente, na contemporaneidade, a leitura não parece ser um costume fácil de contrair, mesmo com tantos anos de escola. Nunca é tarde para buscar o gosto pela leitura (Farias; Pordeus, 2021).

Sabe-se que a mesma, enquanto uma forma de participação, somente é possível entre os homens. São os signos impressos que vão registrando as diferentes experiências humanas, permeando as relações que dinamizam o mundo cultural. Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma maneira de choque entre o homem e a realidade sociocultural; o livro é sempre uma imersão do homem ao processo histórico, ele é essencialmente um ser que quer se comunicar.

E é por isso que a leitura é um dos elementos essenciais para que a comunicação de certo modo ocorra. Se no ambiente o sujeito cultiva a leitura, com certeza se tornará um leitor, encorajando outros ao seu redor a esta mesma prática. Cabe à escola e ao professor contribuir com essa prática, rompendo-se com muitos conceitos e pré-conceitos, aprendendo, ensinando, inventando, compreendendo e colaborando para que a leitura seja de fato valorizada.

A leitura consiste em um elo para a aproximação e entendimento das culturas, congregando e expressando os anseios das mesmas. Acredita-se que todo educador, que faz do seu trabalho parte integrante de sua vida, vivendo cada

situação como um aprendiz, não terá uma rotina de trabalho, mas sim um trabalho novo a cada nova experiência vivida. Vê-se na leitura um instrumento e fonte de constante renovação, que possibilita o reinventar de relações com o universo circundante. Portanto, muito se tem questionado a respeito da leitura e das significações, assim, as mais variadas conceituações têm surgido.

Uns defendem a ideia de que a leitura não se limita pura e simplesmente à percepção de palavras. É ao mesmo tempo, o entendimento do todo lido, associado às ideias nelas contidas, sendo que as mesmas integrarão à experiência da pessoa. Se uns defendem a opinião de que ler é captar a mensagem contida em determinado texto, outros entendem a leitura como uma simples forma de linguagem. O ato de ler abrange fatores como a percepção das palavras, compreensão, reação, recreação, interpretação e aplicação das ideias adquiridas. É um processo muito complexo, pois apresenta os mais diferentes aspectos.

Diante disso, pode-se dizer que, ler não é apenas decodificar palavras, mas é a conversão de um processo compreensivo que deve chegar às ideias centrais, às interferências, à descoberta dos pormenores e às conclusões. Nesse contexto, a leitura é uma maneira de lazer e informação. O destaque é dado à informação, cujos veículos são os jornais, livros e revistas. Portanto, ler é ter elementos para lutar contra a alienação e a ignorância. O ato de ler se constitui num instrumento de luta contra a dominação. Sabe-se que nem todos têm acesso aos livros, sendo um privilégio maior para as classes mais favorecidas.

Diante desse fato questiona-se a existência do grande número de analfabetos e analfabetos funcionais, aliados à falta de promoção de leitura. Uma pessoa instruída tem a capacidade de adentrar nos horizontes colocados em livros e, por consequência, tem condições de escolher dados para se posicionar frente aos problemas sociais. Tal procedimento é fácil de entender, quem não lê, não desenvolve seu senso crítico e pode ser manipulado facilmente.

A leitura sem dúvida ocupa na vida escolar um lugar de grande destaque, entretanto, esse espaço não se limita somente aos objetivos que a escola tende a alcançar, mas confunde-se com os próprios conceitos dos atos de educar e de ler.

Ouvir uma história, principalmente no momento em que vivemos, requer uma atenção dobrada do indivíduo que escuta e do sujeito que quer transmitir sua

história. Sabe-se que é cada vez mais difícil atrair a atenção das crianças para uma contação de história, principalmente quando rivalizamos com os meios tecnológicos que a sociedade apresenta nesse momento globalizado. O sentido da escuta precisa se associar aos outros sentidos para que nossa mensagem chegue com integridade, por isso a contação de história se arma de todos os meios possíveis para se fazer ouvir, já não é mais como no passado da História, em que a oralidade não encontrava entraves e choques, pois reinava absoluta, todos paravam para escutar.

O momento histórico em que nos encontramos, convida-nos para um trabalho ousado e diversificado. O contador de histórias precisa ser agora, aquela figura que atrai a atenção das crianças, adolescentes e dos jovens, porque apresenta o mundo da literatura de uma forma bem diferente da usual. Ele necessita saber usar a voz e o corpo para dar vida às histórias que narra, permitindo que o ouvinte se identifique e seja capaz de elaborar sentimentos como raiva, medo, alegria, diferente de quando se ler, que essas emoções afloram da perspectiva de nossa assimilação aos conteúdos decodificados (Hansen, 2006).

É comum que o texto escrito seja usado como suporte, é nessa oportunidade que adentramos aos clássicos da literatura infantil ou então aos adaptados, essas leituras, como se expressa Machado (2002), é uma herança imensa do patrimônio das leituras de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. No entanto, a contação de histórias abre brechas para o improviso e a imaginação daquele que está contando. A prática se faz no momento presente, a partir da interação entre o contador e o ouvinte, ou seja, esse último manifesta um igual protagonismo no processo.

Não há dúvidas de que a atividade é bastante animada, divertida e prazerosa e que transforma o espaço da sala de aula. No entanto, o âmbito educativo também deve ser ressaltado, uma vez que favorece o desenvolvimento cognitivo, físico e socioemocional das crianças. Porém, não podemos substituir ‘ouvir’ por ‘ler’, cada ação tem sua importância dentro da formação dos leitores, mas, é necessário uma dosagem de cada ação para que a formação desses sujeitos seja completa, nesse contexto, a contação de histórias assume seu lugar de suma importância para a educação básica, assim como

também a aprendizagem da leitura é de suma importância para a vida desses futuros leitores, ou seja, o uso e o manuseio dos livros é de ímpar valor para a construção leitora desses sujeitos, isso quer dizer que, todos as crianças que estão frequentando a escola precisam conhecer os principais benefícios dessa prática.

Ana Maria Machado apresenta em seu livro alguns escritores que defendem a leitura como uma prática que não seja obrigatória e nem forçada. Ela alude que o leitor precisa travar conhecimentos com o maior número possível de narrativas clássicas desde pequeno, pois esses eventuais encontros certamente se reverterão em possibilidades de vir a se renovar, ou seja, de se reler, recontar quase que naturalmente na adolescência ou juventude. Isso implicará na formação desses sujeitos como bons leitores futuramente na caminhada escolar, e que se aproveitadas por um bom professor que traga para sua sala de aula e sua prática pedagógica trechos escolhidos de algumas dessas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão, despertará em seus alunos o desejo de renovar também suas leituras ou histórias contadas na sua iniciação como leitor.

2.2 A contação de histórias e suas prerrogativas

Contar uma história é uma atividade educacional, faz-se referências à leitura, nessa ação a criança se utiliza de múltiplos sentidos, é imensurável sua importância para o amadurecimento cognitivo do discente, e a ausência dessa categoria educativa pode gerar graves problemas para o desenvolvimento estrutural de um leitor. A criança, ou seja, o aluno, traz consigo um horizonte de expectativa pessoal que é próprio de cada indivíduo; no entanto, ela precisa da leitura, tanto realizada por ela mesma, quanto realizada pelo professor (contação de história), pois para se constituir um leitor é necessário estar constantemente expandindo seus conhecimentos.

Geralmente é no convívio com a família, com a escola e com a sociedade que o aluno passa a ter contato com os vários tipos de leitura. Ou seja, é através da relação triangular existente entre o texto e a realidade social que o mesmo passa a ler imagens, sinais gráficos e expressões.

Em contrapartida, se a escola conseguir encontrar uma resposta, estará assim cumprindo com seu principal objetivo que é a formação do aluno leitor-pesquisador-crítico. Vê-se a necessidade de se focar no papel desempenhado pela escola no processo de aperfeiçoamento do leitor; mas, qual a finalidade, quais as razões e por que as escolas se tornaram importantes como um lugar para se aprender e se motivar mediante a leitura?

Não há dúvidas de que a contação de história é uma atividade de grande importância para a formação de um leitor, e é uma das práticas mais animadas e esperadas pelas crianças, é uma atividade divertida e prazerosa e que transforma o espaço da sala de aula em um ambiente à parte. Por essa razão, é imprescindível que no âmbito educativo seja bem ressaltada, ou seja, a presença dos clássicos infantis literários utilizados como leituras formadoras dessas diligências enriquece e favorece o desenvolvimento cognitivo, físico e socioemocional das crianças. Nesse contexto, a contação de histórias assume um lugar de suma importância para a educação infantil e básica. A seguir, vamos conhecer os principais benefícios dessa prática.

Nas últimas décadas, os estudiosos vêm aprofundando e consolidando os estudos epistemológicos e todo conhecimento em geral, para que se utilize de forma eficaz e amigável, disciplinas que dialogam umas com as outras. Sabe-se que os estudos voltados para a interdisciplinaridade foram o ‘Boom’ desde o aparecimento dos estudos do Pensamento Complexo desenvolvido por Edgar Morin, um filósofo e socialista francês, muito estudado pelos órgãos educacionais no mundo inteiro. Por essa razão, não poderia deixar de aparecer neste estudo as categorias que são específicas de outras disciplinas, mas que fazem conexão com a Linguística, com a Literatura e com outros saberes relacionados à aprendizagem.

Portanto, a Medicina, as Artes Cênicas, a Música, e muitas outras que epistemologicamente estão interligadas com a formação do leitor, através da contação de história, da leitura e da encenação das histórias e dos clássicos, desde o início da formação das crianças, são indispensáveis para o bom desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da compreensão leitora, referimo-nos principalmente às expressões corporais; o corpo e a voz são as ferramentas básicas do contador de histórias.

As expressões faciais e as diferentes vozes dos personagens são os elementos que darão forma à narrativa, fazendo com que ela adquira sentido para as crianças. Vale lembrar que para ser um bom narrador, é preciso ser antes um bom leitor, mas esse leitor precisa também do tempo cênico, de uma boa impostação de voz, ou seja, além dos recursos de sua disciplina, ele precisa também adentrar em outras para realizar com perfeição seu trabalho de contação, que por sua vez gera a aprendizagem e o estímulo necessário para que a criança possa desenvolver bem sua leitura.

A arte é uma forte aliada para a aprendizagem das crianças, e no que se refere ao desenvolvimento das nossas habilidades socioemocionais, inclusive durante o período do isolamento social. Podemos definir arte como a manifestação estética das emoções e sensações humanas. A arte tem função social, isso porque ela está presente desde os primórdios do desenvolvimento humano e, por consequência, retrata as culturas e histórias ao longo do tempo. A palavra “arte” vem do latim *ars* – que significa habilidade. Podemos dizer que, por meio do desenvolvimento da nossa habilidade artística, temos a capacidade de transformar a nossa vida e a de outras pessoas, de desenvolver habilidades socioemocionais.

A contação de história quando se utiliza da música, ciência importantíssima para a humanidade, em seus estudos mostram que o desenvolvimento musical traz ganhos significativos e duradouros de ordem neurológica no indivíduo. Funções executivas cerebrais como memória, organização e planejamento futuro são desenvolvidas quando o educador utiliza com sabedoria essa disciplina essencial na vida do homem. Aprender a tocar um instrumento musical exige foco, atenção, concentração, além de trabalhar senso rítmico, coordenação motora, estímulos visuais e auditivos.

Outro recurso disciplinar muito utilizado na educação é a arte plástica, ela trabalha diretamente a coordenação motora, permite um contato direto com a alquimia das cores, traz à tona uma manifestação visual de mundo, desenvolve a criatividade e a imaginação, contribui na formação do sentimento de valorização da arte no indivíduo e possui um enorme poder psicoterápico. A arte cênica ou a dança valoriza as expressões do corpo enquanto manifestação artística, trabalha o desenvolvimento da leitura, dicção e oratória, assim como o

desenvolvimento de habilidades textuais, desenvolvimento aguçado da memória, organização, planejamento, clara noção de tempo e espaço, concentração e disciplina.

Portanto, podemos perceber que muitos são os benefícios que a interdisciplinaridade dos recursos utilizados de outras disciplinas pode trazer para a contação de história, e, por sua vez, para a aprendizagem da criança como formando, na aquisição da leitura. E todos esses recursos são mais eficazes quando o educador ou o professor sabe se utilizar dos clássicos infantis, pois como abordamos na subseção anterior, as obras-primas da literatura infantil, muitas delas foram musicadas, transformadas em peças teatrais, em filmes e muitos outros recursos interdisciplinares que figuram como apêndice nas contações de história e nas rodas de leituras em sala de aula, ou nos projetos desenvolvidos na biblioteca escolar.

3. Considerações Finais

Estimular o desenvolvimento e conhecimento artístico na infância é fundamental na formação de indivíduos emocionalmente saudáveis, o trabalho do professor, em sala de aula, pode ser ricamente engrandecido com os projetos desenvolvidos pelos profissionais da biblioteca, esses projetos, geralmente estão ligados aos recursos artísticos interdisciplinares, além de uma clara evolução nas funções executivas. A contação de história é um desses recursos, assim como as rodas de leituras, as peças teatrais, o teatro de fantoches, as cirandas e outras formas artísticas que são utilizadas para se chegar no objetivo maior, que é a formação de leitores.

É fundamental entendermos que o educador carregar em sua formação um horizonte de expectativas norteado pelas suas leituras anteriores e sempre renovadas, por sua interação com outras disciplinas, que por sua vez enriquece a capacidade artística de um adulto e junto a essa, vem sua disponibilidade, que se torna plena de suas vivências, de seus valores estéticos de beleza, harmonia e equilíbrio, além de maior poder de percepção. A manifestação artística infantil acontece como um canal permissivo de expressão e de observação da postura e dos estímulos que o professor ou/o educador dispõe em sua comunicação. É uma

forma inconsciente de comunicação e emoção. É a expressão de um mundo único, em que a arte é só um canal de manifestação do lúdico, mas que ajudará a formar raízes fortemente emocionais.

Em tempos de permanência constante em nossas casas, como aconteceu nos últimos três anos, a arte foi de suma importância para o trabalho do educador/professor. Nunca foi tão imprescindível estimular nossas crianças e jovens a mergulhar no mundo das artes, para que eles encontrassem o caminho de volta à concentração e ao hábito de estudar em grupo, pois, mesmo que o uso da tecnologia tenha seu mérito, a aprendizagem em grupo é insubstituível, por essa razão é que a arte e seus múltiplos recursos são indispensáveis em qualquer momento da vida do ser humano, como também, a arte é uma forma extremamente saudável de desenvolver estímulos sensoriais e fortalecer laços amistosos e familiares.

Portanto, parafraseando o filósofo Friedrich Nietzsche, quando revela que a arte existe sempre para que nossa realidade não seja destruída. Daí, que os educadores cantem mais, dancem mais, pintem mais, criem conexões fortes com seus alunos através das artes, desenvolvam neles habilidades emocionais que farão toda diferença no teatro da vida adulta, quando for necessário usar a compreensão e reflexão.

Os diversos projetos desenvolvidos por profissionais que trabalham na biblioteca têm contribuído de forma eficaz e contundente para que a criança desenvolva sua inteligência e capacidade cognitiva e socioemocional, tudo atrelado através do hábito de ler para eles, com eles e por eles. Apesar de muitos pais reconhecerem a importância do hábito da leitura, ainda sentem dificuldades de implantar a prática no cotidiano ou mesmo, não sabem quais são os benefícios de ler para os filhos desde cedo, ou por não saberem, ou por outras diversas razões.

Referências

AGUIAR, N. K. R.; PORDEUS, M. P. A importância do processo de leitura, letramento e escrita para a melhoria dos resultados nas avaliações externas da escola de ensino médio Joaquim Bastos Gonçalves. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 3816–3835, 2022. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42712. Acesso em: 23 jan. 2025.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FARIAS, S. M. S.; PORDEUS, M. P. Necessidade da leitura no processo ensino/aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1033–1046, 2021. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1743. Acesso em: 23 jan. 2025.

HANSEN, J. A. **Crítico Literário**. Campinas: São Paulo. Editora Unicamp, 2006.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de janeiro: Objetiva, 2002.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.